

**A ADAPTAÇÃO DE *O ALIENISTA*,
DE MACHADO DE ASSIS, POR PATRÍCIA SECCO:
HEGEMONIA E PODER**

Christianne de M. Gally (PUC-SP)¹
christianne.gally@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever não só a prática social à qual pertence o discurso nas relações de poder, como também a prática discursiva, sob o ponto de vista da luta hegemônica que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens do discurso. Para isso, foram selecionados, aleatoriamente, alguns enunciados que tratam da recente polêmica criada com a aprovação e execução do projeto coordenado por Patrícia Secco, cujo propósito é o de facilitar a leitura de *O Alienista* de Machado de Assis. Considerou-se, após breve reflexão, que os enunciados produzidos sobre o projeto de Patrícia Secco trazem em si elementos para o estabelecimento da luta hegemônica no campo literário, proporcionando uma transformação social, ainda que tímida, na ordem do discurso preexistente.

Palavras-chave:

Análise crítica do discurso. Leitura. Adaptação dos clássicos.

1. Considerações iniciais

No mundo das letras, os discursos sobre temas polêmicos² são práticas sociais ordinárias – embora nem sempre divulgadas

¹ Graduada em Letras (UFS), Mestre em História da Educação (UFS), Doutora em Língua Portuguesa (PUC-SP) e bolsista do PNPd/CAPES, no Programa de Pós-Graduação de Língua Portuguesa da PUC-SP.

em larga escala nos meios de comunicação de massa. Mas, no mês de maio deste ano (2014), quase todos os jornais impressos de grande circulação – além dos *sites* na internet – contribuíram para disseminar as razões que envolvem a polêmica da “simplificação” da obra *O Alienista* de Machado de Assis, projeto elaborado e coordenado por Patrícia Secco, patrocinado pelo Instituto Brasil Leitor³ e incentivado pela lei Rouanet⁴.

O projeto refere-se a uma tentativa de facilitar, descomplicar a leitura dos clássicos para os leitores menos acostumados com a linguagem considerada rebuscada, erudita. Para isso, a autora propôs construir frases menos longas e usar sinônimos de uso recorrente para substituir as palavras “difíceis” e de uso restrito a um público “acostumado” com a linguagem erudita. Nas palavras da autora do projeto, não houve mudanças significativas no texto do grande clássico da literatura, uma vez que fora respeitado o estilo e o enredo.

Sem ter intenção de julgamentos ou de questionamentos quanto às vantagens desse projeto e quanto aos seus custos e informações burocráticas que permitiram sua consecução, este texto busca apenas suscitar alguns pontos de reflexão sobre a hegemonia que permite descrever não só a prática social à qual pertence o discurso nas relações de poder, como também a prática discursiva,

² Para saber mais, ver Oliveira (2005); Pfeiffer (2001) e Sussekind (1985).

³ Os princípios de orientação geral do Instituto Brasil Leitor consistem em “desenvolver projetos apoiados nas instituições de massa, em especial a escola, para expandir o uso e a familiaridade com os livros, jornais, revistas e computadores entre jovens, crianças, famílias e professores, em especial os das grandes periferias, abandonadas à barbárie da urbanização selvagem. O IBL tem como objetivo criar as bases da nova sociedade da informação (a qual não deve ser confundida com a sociedade da informática) entre os marginalizados do novo apartheid, o apartheid da informação, fonte primária desta nova barbárie. Os objetivos do IBL presumem um relacionamento íntimo e constante com toda a iniciativa privada (grandes, médias e pequenas empresas) com pessoas físicas, instituições oficiais e internacionais”. Disponível na página seguinte, que foi acessada em 20-05-2014: <http://www.brasileitor.org.br/www/novo/asp/missao.asp?sub=missao>.

⁴ A Lei de incentivo à Cultura, popularmente chamada de Lei Rouanet, é conhecida principalmente por sua política de incentivos fiscais. Esse mecanismo possibilita que cidadãos (pessoa física) e empresas (pessoa jurídica) apliquem parte do Imposto de Renda devido em ações culturais. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/11/lei-rouanet>. Acesso em: 20-05-2014.

sob o ponto de vista da luta hegemônica que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens do discurso.

Ao ser interpelada pela mídia, Secco (*FSP*, 10/05/2014) afirmou que o foco de seu projeto é a “doação de livros para pessoas que não tiveram oportunidade de estudar, constantemente excluídos do acesso à cultura”. E emendou:

Estou horrorizada. É muito triste pensar que algumas pessoas acham que Machado de Assis, o mestre da literatura brasileira, não pode ser lido pelo sr. José, eletricista do bairro do Espinheiro, que, apesar de gostar de ler, não cursou mais que o primário, ou pelo Cristiano, faxineiro de uma farmácia de Boa Viagem, que não sabe nem mesmo o significado da palavra “boticário”. (*O ESTADÃO*, 09/05/2014).

Quando foi criticada, defendeu-se: “Trata-se de uma disputa entre o purismo e a democratização da leitura. As redes sociais estão cheias de exemplos de prejulgamentos e linchamentos baseados em equívocos de interpretação”. (*Veja*, 09/05/2014).

Esses argumentos, entretanto, não convenceram os críticos, jornalistas e intelectuais, em geral. Várias publicações, então, começaram a atacar veementemente este projeto, e a repercussão rendeu um abaixo-assinado (www.avaaz.org) pela suspensão da distribuição dos livros que já estavam impressos. A começar pelos títulos das inúmeras matérias publicadas neste período, percebe-se que algumas posições são de absoluta contrariedade, ou disfarçadamente contra, enquanto outras se mantêm, aparentemente, “neutras”, ou saem em sua defesa, como se pode observar, a seguir.

Quadro 1: Títulos de textos veiculados em maio de 2014⁵

| | |
|-----------------------------|--|
| Posição desfavorável | “Direito mastigado e literatura facilitada: agora vai!” (STRECK, 2014) |
| | “Falsificando Machado” (<i>OESP</i> , 13/05/2014) |
| | “SQN” (DAVIS, 2014) |
| | “Machado de Assis, misto quente e tomate”. (PIRES, 2014) |

⁵ Para este trabalho, não foi feito um levantamento exaustivo das matérias publicadas neste período. O objetivo aqui é salientar as maneiras pelas quais a mídia veiculou a maioria de suas opiniões. Tentou-se apenas selecionar não só artigos de jornal impresso, mas também opiniões de *blogs* pessoais de alguns críticos e revistas de grande circulação, como a *Veja*.

| | |
|-----------------------------------|---|
| | <p>“Machado for dummies” (VIEIRA, 2014)</p> <p>“Discípula de Paulo Freire assassina Machado de Assis” (SILVA, 2014)</p> <p>“De Machado a Shakespeare: quando a adaptação diminui obras clássicas”. (KUSUMOTO, 2014)</p> <p>“Nélida Piñon diz que versão facilitada de Machado de Assis é um assassinato” (UOL, 2014).</p> |
| <p>“impessoais”</p> | <p>“Quanto custou o projeto de ‘simplificar’ clássicos de Machado de Assis e José de Alencar” (RODRIGUES, 2014)</p> <p>“Sobre adaptações, incentivos fiscais, debate e censura”. (LINDOSO, 2014)</p> <p>“Sobre bulas e alienistas” (BORGES, 2014)</p> <p>“Escritora lança Machado de Assis ‘facilitado’” (GAZETA do Povo, 2014)</p> <p>“A discussão sobre a simplificação das obras de Machado e Alencar” (O <i>GLOBO</i>, 08/05/2014)</p> <p>“Machado e Alencar em versões ‘facilitadas’” (MILLEN, 2014)</p> |
| <p>Posições favoráveis</p> | <p>“Machado de Assis e a choradeira dos críticos: o projeto de criar uma versão simplificada de ‘O Alienista’ indignou os guardiões da literatura” (VENTICINQUE, 2014)</p> <p>“A polícia da <i>internet</i> contra a simplificação de livros clássicos brasileiros” (GHEDIN, 2014)</p> |

Talvez, o mais agressivo tenha sido “Machado pra burro”, título do texto publicado no dia 19 de maio de 2014, na *Folha de São Paulo*, Caderno Ilustrada, cujo subtítulo, “Escritor vira alvo de debate em redes depois da divulgação de projeto para simplificar ‘O Alienista’” tenta amenizá-lo, apesar da “brincadeira” feita na página subsequente – “Três escritores mastigam Machado de Assis” –, na qual trechos de algumas obras foram “adaptadas para o ‘português’ e os costumes do século 21” (*FSP*, 10/05/2014).

Em cada trabalho, em cada opinião, são notórias as várias perspectivas assumidas na construção dos argumentos desfavoráveis: uns acreditam que empobrece o vocabulário (centrando-se dessa forma, no ponto de vista linguístico); outros, que a escola deve ensinar a leitura de forma mais significativa (educação); outros que a tradição literária deve ser respeitada (literatura); outros que acreditam até que esse projeto pode ser visto como uma ferramenta de controle político (política) e um instrumento para a

manutenção do poder (filosofia). No enunciado abaixo, recolhido, aleatoriamente, alguns desses argumentos podem ser observados:

Vejam a genialidade da moça [referindo-se a Patrícia Secco]: “Entendo por que os jovens não gostam de Machado de Assis”. E ela explica: “– Os livros dele têm cinco ou seis palavras que não entendem por frase. As construções são muito longas. Eu simplifico isso”. Bingo! Hip, hip, hurra! (...).

Vê-se, assim, que Patrícia não receberá o Prêmio (Ig)Nobel sozinha. Estará acompanhada em Estocolmo! Já imagino a cerimônia de entrega: E por ter inventado a literatura facilitada-simplificada, o (Ig)Nobel vai para Pindorama! Quero estar lá pra ver. Vou pedir passagens aéreas e estadia via Lei Rouanet. Aliás, como fez Patrícia para publicar 600 mil exemplares, segundo consta na imprensa. Tinha que ter dinheiro da Viúva nisso. Todos nós pagamos o pato. Viva a Viúva. O Brasil anda a passos de cágado.

Incrível como perdemos os fundamentos e os sentidos. É essa praga da pós-modernidade que-ninguém-sabe-o-que-é. Pulamos da modernidade e caímos em um vazio recheado de simplificações, *twitters*, sertanejos-universitários e universitários sertanejos. Jeca Tatu venceu. Viva nosso imaginário jeca! (STRECK, 2014, *online*).

Neste enunciado, percebem-se vários traços que denunciam a naturalização ideológica do discurso dominante. Depois de ironizar a justificativa dada pela autora do projeto – os jovens não entendem o que Machado de Assis escreve –, por meio da expressão denotadora de vitória adquirida – Bingo! Hip, hip, hurra! –, o autor refere-se ao prêmio Nobel – prêmio concedido aos intelectuais que fizeram pesquisas ou que criaram teorias ou técnicas pioneiras, valiosas para a humanidade –, mas a de forma alterada, ao anteceder-lhe a partícula (Ig). Essa alteração leva à negação do vocábulo, além de aproximá-lo do campo lexical de ignóbil, adjetivo que significa vil, repugnante, aquilo que causa aversão. Ainda, mantendo o mesmo tom de ironia/sarcasmo, o enunciador volta-se para a entrega do prêmio pela literatura-facilitada, nomeando o Brasil de Pindorama – que significa “terra das palmeiras” em tupi, palavra usada pelos nativos para designar as terras brasileiras, antes do desembarque de Cabral. Em outras palavras, o prêmio vil, repugnante deverá ser entregue a autora que faz parte de terras ainda não civilizadas no sentido europeu. E aqui, também há uma

naturalização do discurso dominante – a civilização só acontece com a chegada do homem branco em terras americanas.

O prêmio Nobel de Literatura é concedido pela Academia da Suécia, em Estocolmo. Daí, a viagem para Estocolmo e a referência à Lei Rouanet para custear os gastos com passagem e estada – apesar de essa Lei não ter essa função. Aqui, mais uma vez, o argumento sarcástico se pontua, ao denunciar a falta de seriedade da aplicação da Lei Rouanet, ao admitir que mais absurdo do que pedir passagens e estada para assistir à premiação da autora, é ter publicado 600 mil exemplares dessa obra.

O enunciado está permeado de denúncias e de indignação, além de mostrar a posição política defendida. Ao afirmar que tem dinheiro da Viúva nisso, o enunciador refere-se à presidente do Brasil Dilma Rousseff, a quem é responsabilizada pelos “passos de cágado” a que o Brasil é submetido. Apesar de se ter muito dinheiro (que sai dos bolsos dos cidadãos), ele não é bem utilizado – “todos nós pagamos o pato”.

Depois, então, de ironizar e desdenhar não só o projeto como também sua autora, usando sempre a terceira pessoa, conferindo um tom de impessoalidade, o enunciador passa a fazer parte do discurso, usando os verbos na primeira pessoa do plural: “Incrível como perdemos os fundamentos e os sentidos”. Mas, quem está perdendo? Os brasileiros. Todos os brasileiros, no momento em que não sabem nem para onde estão indo... e daí a culpa recai para o fenômeno da pós-modernidade, lugar no qual ninguém-sabe-o-que-é. A hifenização em ninguém-sabe-o-que-e, decerto, cria, no leitor, a perspectiva de um lugar comum, conhecido de todos, parte da cultura brasileira. Ninguém-sabe-o-que-é é uma expressão que pode denotar a universalidade da ignorância dentro de uma realidade considerada pós-moderna, conceito aberto, sem critérios de definição, mas usado para justificar o desconhecido.

Atribui-se, então, a ideia e adoção das simplificações a essa esfera do não conhecido, da pós-modernidade, no qual estão imersos os *twitters* (a linguagem usada nesta rede social), os sertanejos-universitários – aqui se referindo a um estilo de música, cuja

letra, quase sempre, possui o mesmo tema. Daí a afirmativa “Jeca Tatu venceu. Viva nosso imaginário Jeca”. Ora, nesta afirmação, há fortes indícios de que o autor considera o povo brasileiro “atrasado” culturalmente, ainda no meio rural, impossibilitado de compreender a literatura clássica e a própria língua culta. Jeca Tatu é um personagem criado por Monteiro Lobato para denunciar a situação do homem no campo, à mercê de sua própria sorte, abandonado pelo Estado e sem conhecimento dos princípios básicos de higiene, saneamento etc. O Jeca é a personificação da preguiça (ideia, na verdade, atrelada à doença, provocada por vermes) e do atraso econômico e cultural. Se a vitória foi concedida a Jeca Tatu, dedutivamente, o atraso cultural faz parte do imaginário brasileiro. Daí a simplificação de uma obra clássica.

Mas, algumas opiniões entraram em defesa, expressando a indignação diante de tantas acusações que condenavam o projeto de Patrícia Secco. Aqui, somente foi transcrita parte de um texto, selecionado aleatoriamente, apenas para fins ilustrativos.

Acreditar que as versões simplificadas de Machado de Assis emburrecerão a população é igualmente errôneo. Quem defende esse argumento parte do pressuposto de que vivemos num país de leitores ávidos de Machado de Assis que, por pura preguiça, trocarão a versão original pela adaptação e deixarão de enriquecer seu vocabulário. Nada mais distante da realidade. A grande maioria dos alunos foge da leitura obrigatória depois de esbarrar na primeira palavra difícil e recorre a resumos (ou à cola) para acertar a meia dúzia de questões dedicadas a Machado nas provas escolares. Muitos jamais dão outra chance aos clássicos da literatura. Uma versão simplificada poderia diminuir o choque e prepará-los para descobrir a obra original mais tarde, quando estiverem prontos. (VENTICINQUE, 2014).

Os confrontos mantiveram-se durante determinado tempo no meio jornalístico. Mas, ao que parece, acabaram por se calar, uma vez que os livros já tinham sido publicados, a autora já tinha recebido seu quinhão monetário e só restava a distribuição que já estava prevista para a primeira semana de junho, embora já estivesse disponível em PDF na *internet*⁶.

⁶ O *Alienista*. Machado de Assis. [Versão adaptada]. Disponível em: <http://www.reciclick.com.br/portal/wp-content/uploads/2014/05/Alienista.-adaptado.pdf>.

Percebem-se, então, as forças resistentes às mudanças em ação. Se, de um lado, a manutenção da hegemonia literária é defendida pela naturalização do discurso, transformado em senso comum, como neste caso,

resumo da ópera: em vez de ensinar o analfabeto a ler, vamos "analfabetizar" os livros. Talvez uma versão em desenho animado fosse melhor, uma versão com figurinha quem sabe. Mas uma versão "analfabetizada" dos clássicos é subestimar a capacidade de aprender das pessoas e um atestado de incompetência do sistema de ensino. (CA-SARIN, 2014)

de outro, há um reconhecimento da necessidade de se “democratizar” a leitura dos clássicos por meio da popularização da linguagem utilizada.

Na verdade, a produção e consumo desses textos, por meio dos instrumentos de comunicação de massa, representam a luta hegemônica no espaço literário que contribui ou para a reprodução (no caso dos textos contrários ao projeto) ou para a transformação da ordem do discurso existente.

Para Fairclough (2011, p. 122), a hegemonia é “um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação que assume formas econômicas, políticas e ideológicas”. Nesse sentido, o poder sobre o que deve e o que não deve se considerado como passível de leitura dos clássicos atém-se ao bloco de forças hegemônicas exercidas, principalmente, pelas instituições reguladoras, como é o caso da ABL, e pelos intelectuais que delas fazem parte. A literatura é constituída por meio de infinita intertextualidade, mas admite Feijó (2010, p. 106) que a “ordem exige discursos políticos, econômicos, sociais e jurídicos que estabeleçam limites e regras”.

As relações de dominação são aqui articuladas em prol da língua erudita, oferecendo, portanto, resistência à mudança ideológica patrocinada pela “democratização” das obras clássicas brasileiras numa sociedade de semialfabetizados, posição articulada

de forma integradora aos propósitos nacionais da “Educação para todos”.

A hegemonia se dá no desenvolvimento de práticas que naturalizam relações e ideologias específicas e que são, em sua maioria, práticas discursivas. Quando se naturalizam e passam a fazer parte do senso comum, há a reprodução e perpetuação de uma hegemonia na dimensão cultural e social. A luta hegemônica se dá, exatamente, quando se desestabiliza essas convenções existentes.

Assim, alguns defensores do projeto de Patrícia Secco justificaram-se, por meio das práticas sociais já existentes: a adaptação dos clássicos, prática, inclusive, naturalizada no meio literário brasileiro.

2. As adaptações dos clássicos da literatura

As adaptações, consideradas como uma unidade de sentido legítimo – uma vez que o “autor constrói o seu ‘querer dizer’, a partir de uma referência (o texto que servirá como base), definindo o estilo e a composição de enunciado” (FORMIGA, *online*) –, são práticas culturais que circulam no Brasil, desde o século XIX, pelas mãos de autores renomados, como Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, Paulo Mendes Campos, Carlos Heitor Cony, entre outros.

A adaptação de um clássico, para Feijó (2010, p. 63), é a “atualização de um discurso literário considerado de valor pela sociedade e que, portanto, deve ser transmitido à próxima geração”. Essa atualização respeita, porém, os limites impostos pelo conhecimento das variedades linguísticas, culturais e temporais, estabelecendo uma relação de aproximação entre o texto de partida e o texto produzido pelo adaptador. É essa “habilidade em estabelecer relações de equivalência entre elementos linguísticos, culturais e históricos dos textos – de chegada e partida – que configura um trabalho de adaptação”. (FORMIGA, *online*).

Um dos setores privilegiados das adaptações é a literatura para crianças e adolescentes. Nelas, geralmente, a preocupação é preservar o enredo, considerado o traço fundamental da narrativa, mas usando linguagem específica – a depender de para quem o adaptador (e editores, revisores, entre outros) se dirige – e meio representacional – cinema, teatro, músicas etc.

As adaptações escolares refletem “certos aspectos da sociedade em que são produzidas e consumidas”. (FEIJÓ, 2010, p. 107). Isso significa que são produtos de um sistema educacional com suas regras e valores, das orientações pedagógicas que “podem variar de uma escola para outra e do perfil médio dos leitores aptos a comprar determinados livros – ou recebê-los por doação” (*Idem*).

Apesar de serem consideradas como um tipo especial de tradução – atividade seletiva e reflexiva, nas palavras de Rónai (1981, p. 18) –, nem sempre as adaptações dos clássicos são bem vindas ou bem vistas por alguns intelectuais, uma vez que um de seus objetivos é facilitar a leitura de estudantes de “vocabulário mínimo e cultura escassa” (RÓNAI, 1981, p. 81), quando deveria a escola responsabilizar-se pelo desenvolvimento das habilidades necessárias à leitura de textos literários.

O trabalho do adaptador não é tarefa fácil, pois são vários os desafios.

É mais fácil errar do que acertar. Há muitas escolhas a fazer antes mesmo de começar a escrever; há muito o quê estudar e compreender sobre a obra a ser adaptada, qual a sua importância para a sociedade, os motivos de sua permanência (e de sua adoção). Mas há também os possíveis inconvenientes que um clássico pode causar em sala de aula, pois narrativas são fenômenos culturais submetidos a contextos sociais. (FEIJÓ, 2010, p. 110).

Mas, algumas edições simplificadas dos clássicos da literatura nem sempre são adaptações escolares: elas também podem ser paráfrases voltadas para crianças ou adolescentes e comercializadas em livrarias (vendas por impulso). No caso do projeto de Patrícia Secco, a obra *O Alienista* não foi distribuída nas escolas, ou seja, não é uma adaptação escolar. Seu compromisso estabeleceu-

se com um público mais específico: aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar e por isso, excluídos do acesso à cultura. Opiniões como as de Alcides Villaça (*Folha de São Paulo*), portanto, são inadequadas para esse contexto: “É absurdo imaginar que a função da escola seja facilitar qualquer coisa, em vez de levar a trabalhar com as dificuldades da vida, da crítica e do conhecimento”. Talvez, pudesse esse depoimento servir às adaptações escolares.

A qualidade do texto, entretanto, segundo Formiga (*online*), que varia de acordo com a condição sociocultural de quem lê, é vista de “forma limitada pela política editorial que desconsidera o leitor e suas práticas de leitura”. Geralmente, são impostas ao leitor categorias relativas ao teor e à qualidade do livro, imprimindo oposição sociocultural: “ao rico e letrado, livros caros, com adaptações zelosas; ao gosto popular, livros baratos, com papel inferior e adaptação descuidada”.

Se, de um lado, os discursos acerca das adaptações caminham para a condenação dessa prática, de outro, apontam para sua importância no processo de democratização da leitura num “país repleto de desigualdades e injustiças sociais que marcam um abismo intransponível entre os leitores e não-leitores”. (SILVA, 2006, p. 519). Para Venticinque (2014), por exemplo, as obras literárias inspiram “paródias e adaptações desde sempre. Em vez de destruir a obra, cada nova versão ajuda a divulgá-la e aumentar seu alcance”.

A democratização do discurso é entendida por Fairclough (2001, p. 248) como a “retirada de desigualdades e assimetrias dos direitos, das obrigações e do prestígio discursivo e linguístico dos grupos de pessoas”. Esse processo pode ser verificado não só nas relações entre línguas e dialetos sociais, como também no

acesso a tipos de discurso de prestígio, eliminação de marcadores explícitos de poder em tipos de discurso institucionais com relações desiguais de poder, [na] tendência à informalidade das línguas, e mudanças nas práticas referentes ao gênero na linguagem. (*Idem*)

Aqui, especificamente, interessa a tendência à informalidade, construída a partir da eliminação de marcadores explícitos de poder. Um dos procedimentos adotados por Patrícia Secco foi substituir as palavras consideradas eruditas, de difícil compreensão pelos não letrados, por palavras mais próximas à linguagem informal. Por exemplo, ao invés de “sagacidade”, “esperteza”, uma das substituições mais criticadas. Para Davis (2014), autor de um dos textos banindo a adaptação de *O Alienista*,

A substituição das palavras não é solução, de modo algum. E fico a matutar com os meus botões: há uma contradição no escopo da própria proposta, que faz dela uma piada, que prova quanto ela é desatinada. Se é pra simplificar, por qual cargas d’água se manterá o título do conto *O Alienista*? Quantas pessoas sabem o que significa alienista sem buscar no *google*? Se *Dom Casmurro* entrasse nisso, qual título levaria: Senhor turrão?

O fato é que há uma tendência à democratização da leitura de obras literárias por meio do uso de um léxico muito mais próximo da conversação, da informalidade. Essa tendência, é claro, é observada desde os manifestos dos modernistas, em 1922, que contribuíram, em grande medida, para aproximar o discurso falado do escrito. E, como era de se esperar, também ofereceu inúmeros motivos para críticas vindas, principalmente, dos membros imortais da Academia Brasileira de Letras.

3. *Considerações finais*

As instituições que conservam e valorizam os discursos elitizados – como é o caso das universidades e academias, por meio das regras formais e da linguagem culta, beirando o rebuscamento – resistem veementemente a qualquer tendência que destrua sua hegemonia perpetuada por práticas discursivas que envolvem os processos de produção, distribuição e consumo dos textos, de acordo com fatores sociais. Nesse espaço, as lutas hegemônicas são travadas em busca de sua manutenção, por um lado – quando abominam as adaptações e congêneres –, ou de sua transformação – quando, por meio do discurso de democratização, oferecem alternativas de acesso à cultura do poder.

Mais do que a dominação de classes subalternas, mediante concessões e consentimentos, a hegemonia é um controle exercido por uma classe social, cultural e econômica dominante, que apresenta relações complexas estabelecidas entre instituições, organizações etc. e produzidas, reproduzidas, questionadas e transformadas (ou não) nas práticas sociais. Dessa forma, os enunciados publicados sobre o projeto de Patrícia Secco trazem em si elementos para o estabelecimento da luta hegemônica no campo literário, ampliando as tentativas de possível uma transformação social na ordem do discurso preexistente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Letícia. *Sobre bulas e alienistas*. Disponível em: <<http://www.aredacao.com.br/colunas/44012/sobre-bulas-e-alienistas>>.

CASARIN, Rodrigo. Projeto para ‘descomplicar’ Machado gera racha até entre escritores. Disponível em: <<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2014/05/08/projeto-para-descomplicar-machado-gera-racha-ate-entre-escritores.html>>. Publicado em 08-05-2014. Acesso em: 23-05-2014.

CIDADONA > Escritora muda obra de Machado de Assis para facilitar a leitura. *A Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://comentarios1.folha.com.br/comentarios/5942338?skin=colunistas>>.

COSTA, José Maria da. *A simplificação das obras literárias*. Disponível em: <<http://www.migalhas.com.br/dePeso/16,MI201331,21048-A+simplificacao+das+obras+literarias>>. Acesso em: 23-05-2014.

COURI, Norma. Machado no machado. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed798_machado_no_machado>. Publicado em 13-05-2014. Acesso em: 23-05-2014.

DAVIS, Davidson. *SQL*. Disponível em:
<<http://homoliteratus.com/sql>>. Publicado em 17-05-2014. Acesso em: 22-05-2014.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

_____. *Language and power*. New York: Longman, 1989.

FEIJÓ, Mário. *O prazer da leitura: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores*. São Paulo: Ática, 2010.

FOLHA de São Paulo. 3 escritores mastigam Machado de Assis. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/165102-machado-para-burro.shtml>>. Publicado em 10-05-2014. Acesso em: 10-05-2014.

_____. *Machado pra burro*. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/165102-machado-para-burro.shtml>>. Publicado em 10-05-2014. Acesso em: 10-05-2014.

FORMIGA, Girlene Marques. As adaptações de textos literários no Brasil: um gênero em discussão. Disponível em:

<http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/Sem09/girleneformiga.htm>. Acesso em: 23-06-2014.

GAZETA do Povo. *Escritora lança Machado de Assis “facilitado”*. Publicado em 07-05-2014. Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1466899&tit=Escritora-lanca-Machado-de-Assis-facilitado>>. Acesso em: 23-05-2014.

GHEDIN, Rodrigo. *A polícia da Internet contra a simplificação de livros clássicos brasileiros*. Disponível em:

<<http://www.comunicuem.com/2014/05/simplificar-livros-classicos>>. Publicado em 06-05-2014. Acesso em: 23-05-2014

INSTITUTO Brasil Leitor. <<http://www.brasilleitor.org.br>>.

KUSUMOTO, Meire. De Machado de Assis a Shakespeare: quando a adaptação diminui obras clássicas. *Revista Veja*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/de-machado-de-assis-a-shakespeare-quando-a-adaptacao-diminui-obras-classicas>>. Acesso em: 24-05-2014.

LINDOSO, Felipe. Sobre *adaptações, incentivos fiscais, debate e censura*. Disponível em: <<http://oxisdoproblema.com.br/?p=2318#more-2318>>.

MILLEN, Mânia. Machado e Alencar em versões ‘facilitadas’. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/05/07/machado-alencar-em-versoes-facilitadas-534995.asp>>. Acesso em 23-05-2014.

OESP – *O Estado de São Paulo*. Falsificando Machado. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed798_falsificando_machado>. Publicado em 10-05-2014. Reproduzido em 13-05-2014. Acesso em 23-05-2014.

O GLOBO. A discussão sobre a simplificação das obras de Machado e Alencar. Disponível em: <<http://jornalgggn.com.br/noticia/a-discussao-sobre-a-simplificacao-das-obras-de-machado-e-alencar>>. Publicado em 08-05-2014. Acesso em: 23-05-2014.

OLIVEIRA, Ângela Maria Arêas. Políticas e polêmicas linguísticas na casa dos mortais. *Comum*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 24, p. 69-78 jan./jun. 2005.

PFEIFFER, Claudia Castellanos. A língua nacional no espaço das polêmicas do século XIX/XX. In: ORLANDI, Eni P. *História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. São Paulo: Pontes; Cáceres: Unemat, 2001.

PIRES, Luciano. *Machado de Assis, misto quente e tomate*. Disponível em: <<http://www.parnaibaweb.com.br/cafe-brasil/luciano>>

[pires-machado-de-assis-misto-quente-e-tomate.html](#)>. Publicado em 15-05-2014. Acesso em: 23-05-2014.

QUIRINO, Roberta. Escritora muda livro de Machado de Assis a fim de simplificar a leitura para os jovens. *A Folha de S. Paulo*, 04-05-2014. Disponível em:
<<http://cuzcuzliterario.com.br/noticias/escritora-muda-livro-de-machado-de-assis-fim-de-simplificar-leitura-para-os-jovens>>.

RADFAHRER, Luli. Txt não é texto. *Folha de São Paulo*. 19-05-2014.

ROCHA, João César de Castro. Especialista em Machado de Assis analisa iniciativa de 'simplificar' obras. *O Estado de S. Paulo*, 09-05-2014. Disponível em:
<<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral/especialista-em-machado-de-assis-analisa-iniciativa-de-simplificar-obras,1164214>>. Acesso em: 23-05-2014.

RODRIGUES, Maria Fernanda (atualizado por). *Babel*: quanto custou o projeto de 'simplificar' clássicos de Machado de Assis e José de Alencar. Publicado em 09-05-2014. Disponível em:
<<http://estadao.br.msn.com/cultura/babel-quanto-custou-o-projeto-de-simplificar-cl%C3%A1ssicos-de-machado-de-assis-e-jos%C3%A9-de-alencar>>.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. *Anais do PG Letras 30 anos*. vol. I, n, 1, p. 514-527, 2006. Disponível em:
<<http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/apresentacao.htm>>. Acesso em: 23-06-2014.

SILVA, José Maria e. *Discípula de Paulo Freire assassina Machado de Assis*. Disponível em:
<<http://www.jornalopcao.com.br/reportagens/discipula-de-paulo-freire-assassina-machado-de-assis-4399>>. Acesso em: 23-05-2014.

_____. *Ministério da Cultura confunde ciência com religião ao falsificar Machado de Assis*. Disponível em:

<<http://www.jornalopcao.com.br/reportagens/ministerio-da-cultura-confunde-ciencia-com-religiao-ao-falsificar-machado-de-assis-5025>>. Acesso em: 23-05-2014.

STREK, Lênio Luiz. *Direito mastigado e literatura facilitada: agora vai!* Publicado em 08-05-2014. Disponível em:

<<http://www.conjur.com.br/2014-mai-08/senso-incomum-direito-mastigado-literatura-facilitada-agora>>. Acesso em: 23-05-2014.

SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

UOL. Nélda Piñon diz que versão facilitada de Machado de Assis é um assassinato. Disponível em:

<<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/17/nelda-pinon-diz-que-versao-facilitada-de-machado-de-assis-e-um-assassinato.htm>>. Acesso em: 19-06-2014.

VENTICINQUE, Danilo. *Machado de Assis e a choradeira dos críticos*. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/danilo-venticinque/noticia/2014/05/machado-de-assis-e-bchoradeira-dos-criticosb.html>>. Acesso em: 23-05-2014.

VIEIRA, Vinicius Carlos. *Machado for dummies*. Disponível em: <<http://www.confradewashington.com.br/2014/05/machado-for-dummies.html>>.

VILLAÇA, Alcides. *Folha de São Paulo*. 04/05/2014.

WERNECK, Humberto. *Simples assim*. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed801_simples_assim>. Publicado em 03 jun. 2014. Reproduzido de *O Estado de S. Paulo*, 01 jun. 2014. Acesso em: 06-06-2014.